

VIOLÊNCIA(S) NO CONTEXTO ESCOLAR: AS VOZES DOS PROFESSORES

Anderléia Sotoriva Damke¹, Claudemir Ternovoe Ruiz²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a violência escolar, partindo das falas de professores, suas concepções sobre o assunto e o modo como têm enfrentado essa problemática no cotidiano cultural e educativo do processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, a partir de pesquisa qualitativa, buscou-se identificar as causas da violência, bem como as práticas adotadas pelos professores para lidar com a mesma no ambiente da escola. Na pesquisa, utilizou-se questionário com perguntas abertas e voltadas para um universo de dez professores do ensino fundamental da rede pública do município de Naviraí/MS. O resultado aponta para uma insatisfação dos docentes ante a falta de políticas públicas para essa questão, de modo mais direto, especialmente, tendo em vista que, de um modo em geral, os cursos de formação não adotam medidas que possam proporcionar aos docentes práticas para lidar com tal problema.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Escola. Professores.

Introdução

A partir da presente pesquisa é discutida a necessidade de se buscar aprofundamento acerca da violência escolar e, assim, possibilitar a compreensão desse fenômeno que aparece como um dos grandes desafios aos educadores que atuam na educação básica na atualidade. A problemática da pesquisa foi construída em torno do incômodo ante ao crescente aumento da violência nas escolas. Nesse sentido, foi indispensável traçar o perfil dos professores para confrontar suas concepções com as práticas adotadas para o enfrentamento do problema.

Os objetivos da pesquisa foram analisar a concepção dos professores sobre a violência escolar, identificar as dificuldades que as expressões de violência causam no processo de ensino e aprendizagem e verificar quais as práticas adotadas nos cursos de formação de professores para lidar com a ques-

¹ Mestre em Educação, Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Santa Helena

² Pedagogo, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Naviraí.

tão. Para o embasamento teórico foram utilizados referenciais de diversos autores que tratam do assunto, tais como: Abramovay e Rua (2003), Aquino (1999), Candau (1999), Chauí (1996), Damke (2008), Gadotti (1999), Guimarães (2006), Nunes (2007), Souza (2011), Spósito (2002), entre outros.

O caminho percorrido para chegar ao resultado obtido se deu por meio da pesquisa qualitativa com a participação de dez professores, selecionados por tempo de trabalho docente. Nesse contexto, foi utilizado, como instrumento de coleta de dados para a análise, um questionário aplicado aos professores pertencentes à rede municipal de ensino do município de Naviraí, Mato Grosso do Sul.

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, houve uma discussão conceitual de diversos autores sobre o termo “violência escolar”. Nessa discussão, apresentou-se as múltiplas visões com diferentes ideias e ordem das publicações e debates no âmbito nacional. Constam, ainda, as manifestações da cultura escolar apontando algumas práticas e estabelecendo discussões acerca dessas manifestações. Procurou-se destacar aqui a relação da cultura escolar com a violência. Em continuidade, mostra passo a passo o desenvolvimento da pesquisa e os instrumentos utilizados.

Em seguida, buscou-se apresentar as concepções dos professores, chamando atenção para as semelhanças e diferenças. Procurou-se estabelecer aqui, uma possível relação entre as suas percepções e as experiências adquiridas durante o tempo de trabalho docente, utilizando como ferramenta os materiais coletados no campo de pesquisa. E, ao final, consideramos os objetivos alcançados, bem como os conhecimentos que podem ser acrescentados com a pesquisa no campo acadêmico e na docência.

Fundamentação teórica

A violência escolar é uma temática bastante discutida atualmente. É um assunto amplo, complexo e polêmico, porém possível de ser observado e que pode ser desdobrado por diversas configurações. Segundo Abramovay (2002, p. 77), a questão da violência escolar teve um acréscimo considerável nos últimos anos através “de atos delituosos e de pequenas e grandes incivilidades nas escolas, o que justifica o sentido de insegurança dos que as frequentam”.

A escola não é isolada da sociedade, por isso reflete a violência aí vivenciada. Nesse contexto, a visão dos educadores ganha importância para saber como a violência se apresenta na relação entre eles e os alunos. Às vezes, esses educadores podem não perceber que, involuntariamente, podem contribuir para desencadear atitudes violentas nos alunos, pois, assim como os diretores e toda equipe pedagógica, ninguém está isento de práticas violentas.

A violência ocorrida no âmbito escolar pode estar diretamente relacionada à indisciplina e quando acontece, muitas vezes, não é divulgada para não expor os professores ou a instituição. Isso pode ser justificado por Abramovay (2003, p. 39), quando considera os atos de violência como forma de resguardar a escola diante da indisciplina, quando ocorre a agressão física ou simbólica por parte do aluno.

O problema da violência na escola tem afetado não somente os profissionais da educação e os alunos, mas também, a instituição escolar que tem sofrido com os danos nas instalações que, algumas vezes, põem em risco a vida dessas pessoas. Alguns professores trabalham em salas de aulas sem condições necessárias de uso, resultantes de atos de vandalismo.

A falta de segurança também pode causar prejuízos no processo de ensino, pois o professor, por acreditar que pode sofrer represálias de alunos agressores, em seu trabalho, também tem seu próprio rendimento profissional afetado, pois vive em constante situação de estresse, devido à sensação de perigo no ambiente da escola. Isso é intensificado pelo conhecimento do consumo de bebidas alcoólicas, drogas e o uso de armas de fogo que estão presentes no entorno da escola. Da mesma forma, de modo geral, os alunos também se sentem inseguros e, conseqüentemente, sua aprendizagem fica comprometida.

Conceito de violência

Os pesquisadores dessa área dão várias definições para o termo violência, relacionando-os às manifestações dentro do ambiente escolar. Para explicitar a violência, vamos utilizar concepções de pesquisadores conceituados nessa área.

Para Abramovay apud Spósito (1998, p. 60), “[...] violência é todo ato que implica a ruptura de um ato social pelo uso da força. Nega-se,

assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra e pelo conflito”. Na escola, essa ruptura se traduz nos comportamentos violentos que rompem os laços de amizades e se tornam grandes problemas.

É possível observar que a sociedade tem se preocupado muito com o aumento da violência. Os veículos de comunicação, constantemente, noticiam acontecimentos que afetam a vida e a integridade física das pessoas. Nunes (2007, p. 14) destaca em sua pesquisa que os meios de comunicação estão descobrindo um novo filão editorial: as notícias sobre violência nas escolas.

Ainda segundo ele:

Nas escolas, geralmente o tema violência só ganha destaque quando ocorre um fato que repercute negativamente através dos meios de comunicação, fugindo do modo de controle da direção, como a morte de um aluno, um tiroteio em frente ao estabelecimento etc.(NUNES, 2007, p. 20).

A escola deve ser um local de ensino onde os funcionários deveriam receber o respeito merecido, onde haja socialização e formação de cidadãos. Ela não foi criada para ser um local de conflitos e agressões.

Com base nesse pensamento, Spósito afirma que: “a escola foi pensada, sobretudo a escola pública, como espaço de socialização de novas gerações, operando no sentido da formação e construção de humanidades capazes de viver ativamente a vida social” (1994, p. 15).

Saber o que significa o termo violência é importante para se ter uma compreensão do que é a violência escolar. Segundo o dicionário Aurélio, violência é a “qualidade de violento; ato de violentar” (2001, p. 712). Logo, a palavra violentar significa transgredir as ordens e as regras da vida em sociedade. Portanto, é entendida como agressão a um direito pessoal e à integridade física da pessoa, colocando em risco sua saúde e liberdade individual.

Nessa direção, a pesquisadora Silva (2003, p. 259), assim se manifesta: “[...] violentar é romper a liberdade e os direitos do cidadão. É alguém que passa dos limites e invade a privacidade do outro” (SILVA, 2003, p. 259). Logo, entendemos que violência perpassa o âmbito escolar e atinge a integridade física, maculando a vida em sociedade.

De alguma maneira, o agressor intimida sua vítima, fazendo com que ela tenha dificuldade de se relacionar, de expor suas ideias, de demonstrar seus sentimentos, sentir-se desprezada e isolada socialmente. Muitas vezes esse comportamento, por parte dos agressores, tem se originado dentro do ambiente familiar, refletindo, assim, na escola. Nesse contexto:

não é fácil definir ou conceituar o que se entende por violência. Em geral, se oscila entre dois extremos: a redução dos comportamentos violentos àqueles referidos à criminalidade ou à agressão física de maior ou menor gravidade, e a ampliação da abrangência do conceito de tal modo que toda manifestação de agressividade, conflito ou indisciplina é considerada como violência (CANDAU, 2005, p. 12).

A violência pode ocorrer tanto na forma verbal, por intermédio da injúria ou constrangimento, como na forma física, por intermédio de brigas, lesões e até estupro. Ela pode estar relacionada à miséria, exclusão social e ao desrespeito ao cidadão. Na escola, pode estar relacionada à falta de disciplina, questões morais e ao uso de drogas.

Tipos de violência na escola

A violência na escola pode se manifestar nas mais diversas maneiras e produzir, não só danos físicos na vida das pessoas, como também psicológicos que podem ser superados com o passar do tempo, mas podem causar ainda perdas irreparáveis na vítima. Para citar os principais tipos de violência escolar, Abramovay (2003, p. 49-62) em suas pesquisas constatou as mais comuns:

Violência contra o patrimônio público: essa violência é presenciada nas escolas pelos atos de vandalismo que resultam em danos contra as instalações físicas. É a quebra de banheiros sanitários, furto de objetos que guarnecem a escola e as pichações.

Violência intrafamiliar: é a praticada pelos familiares ou pessoas que são diretamente ligadas ao convívio diário do aluno. É aquela que começa dentro do lar e termina na escola. Atualmente, tem se tornado um problema social de grande dimensão que afeta toda a sociedade, atingindo principalmente mulheres, crianças, adolescentes, idosos e portadores de deficiência. Quando se

fala nessa violência, inclui-se qualquer tipo de relação de abuso praticado no convívio familiar contra qualquer um de seus membros. Algumas vezes, é difícil identificar o agressor quando se trata de um pedófilo, pelo fato deste agir seduzindo e ameaçando ocultamente.

Violência simbólica: esta violência acontece na forma verbal, é exercida pela escola sobre o aluno, causando um isolamento, anulando sua capacidade de expressão e pensamento, impedindo o aluno de desenvolver suas criatividades. Também quando os professores isolam o aluno, recusando-lhe as explicações necessárias, abandonando-o a sua própria sorte. Nesse conceito, os professores também podem ser vítimas, quando são agredidos e discriminados pelos alunos pela etnia ou indiferença e pelo desinteresse.

Violência sexual: é toda a ação na qual uma pessoa em relação de poder e por meio de força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga outra ao ato sexual contrariando a sua vontade, ou que a exponha em interações sexuais que a faça de vítima, onde o agressor tenta obter vantagem. Essa violência pode ocorrer nas mais diversas situações como o estupro, abuso sexual, incesto ou qualquer outro tipo de assédio sexual.

Violência física: aquela que ocorre através de brigas, lesões corporais, homicídio, estupro, roubo, assalto, espancamento, uso de armas, pancadaria, gangues, etc, todas que ocorrem na forma agressiva. Para Abramovay (2005), as agressões físicas tendem a ocorrer entre alunos, mas acontecem também os conflitos que se dão entre alunos e adultos da escola, principalmente com professores. Isso pode contribuir para uma série de reflexões acerca da autoridade desses professores, também os conflitos gerados pautados nas relações sociais na escola.

Todas estas violências têm se manifestado durante o decorrer do ano letivo e podem estar relacionadas às famílias, aos amigos e aos professores. Os fatos que originam essas violências podem ser às causas comportamentais, tendo o professor como alvo da agressão, pois ele está diretamente ligado ao aluno através do ensino. O aluno por se sentir pressionado a estudar pelos pais ou responsáveis, pode ver a figura do professor como seu oponente.

A violência escolar e intraescolar

Até o fim da década de 80 não era comum ouvir falar em violência dentro das escolas, o índice de ocorrência era muito baixo e dificilmente o assunto era alvo da mídia, nem tampouco se organizavam encontros para discussão do tema. Já, a partir dos anos 90, esse quadro começou a mudar, principalmente porque atos de vandalismos contra o patrimônio público começaram a fazer parte das estatísticas.

A pesquisadora Spósito assim afirmou:

Embora os resultados sejam bastante fragmentados, é possível considerar os anos 90 como um momento de mudanças no padrão da violência nas escolas públicas, englobando não só atos de vandalismo, mas também práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. São mais frequentes as agressões verbais e as ameaças (SPÓSITO, 2001, p. 4).

Atualmente, é comum ocorrer situações envolvendo a violência escolar. Especialistas de diversas áreas buscam soluções para o conflito. O que de fato tem ocorrido para que chegássemos a tão assustadora realidade? O que mudou no comportamento das nossas crianças e adolescentes? Profissionais da área de segurança têm buscado traçar um perfil para se descobrir o aumento crescente dessa violência.

Segundo a filósofa Chauí:

Desde a antiguidade clássica até nossos dias, podemos perceber que, em seu centro, encontra-se o problema da violência e dos meios para evitá-la, diminuí-la, controlá-la. Diferentes formações sociais e culturais instituíram conjuntos de valores éticos como padrão de consulta, de relações intersubjetivas e interpessoais, de comportamentos sociais que pudessem garantir a integridade física e psíquica de seus membros e a conservação do grupo social (CHAUI, 1996, p. 336)

Todavia a escola busca caminhos que conduzam a uma convivência tranquila, considerando que toda violência fere o ideal de justiça e se constitui em negação dos direitos fundamentais. Sendo claro que a violência trata-se de um problema que aflige a maioria das escolas brasileiras.

Nessa circunstância, também destacamos a violência intraescolar como aquela que é originada dentro do recinto escolar e pode se tornar em um problema de grande dimensão. Quando se fala dessa violência, deve-se considerar qualquer tipo de relação de abuso praticado no contexto escolar contra qualquer um dos seus membros.

Alguns fatores podem estar relacionados às causas dos atos de violência dentro das escolas. A desigualdade social, por exemplo, se levarmos em consideração as reflexões de Lucinda, para que “as causas da violência na escola, assim como na sociedade em geral, são múltiplas e complexas, mas a origem de todas elas pode estar determinada nas intoleráveis condições econômicas e sociais criadas pelo tipo de modelo de desenvolvimento que foi implementado, ao longo dos anos” (LUCINDA, 1999, p.14). Desse modo, é possível destacar que a baixa situação financeira que submetem muitos jovens, levando-os a situação de carência absoluta, deixam-nos vulneráveis diante das necessidades básicas de sobrevivência e podem gerar personalidades agressivas.

Os professores podem contribuir para a violência, de forma indireta, quando apresentam alguns problemas psicológicos relativos ao estresse profissional, desesperança, descrença no sistema educacional e queda de autoestima, tornando-se ausentes na relação com os alunos. Isso pode ocasionar um desgaste no processo pedagógico e pode corroborar para o desencadeamento da violência na escola.

A posição de inferioridade econômica na sociedade, devido a falta de emprego, estudo, meios de consumo e tecnologia, podem criar um sentimento de maltratos e rejeição, os quais acarretam muitas frustrações nos jovens. No oposto de suas situações, veem os jovens de classe alta com muita fartura e dinheiro no bolso. Essa desproporção causa reações violentas como forma de castigar a sociedade pela falta de oportunidades.

A indisciplina em sala de aula seria a decorrência de falta de valores de nosso tempo. Violência e indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente a “falhas” psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa (AQUINO, 1996, p. 9)

Outro fator de grande contribuição para a violência pode ser a influência de gangues, onde os jovens se veem numa condição de igualdade de valores, crenças e comportamentos. Relacionam-se entre indivíduos de mesmo pensamento e ideias, e isso pode motivá-los a cometer crimes. Quando estão integrados nesses grupos, podem desenvolver um sentimento de encorajamento e valorização. É a busca pela sua identidade, pela autoestima e proteção, acreditando encontrar nas gangues, a solução para todos seus problemas.

O uso de drogas também pode estar relacionado às causas da violência escolar, assim como o consumo de bebidas alcoólicas e o uso de armas, gerando um sentimento de poder nos jovens, fazendo-os desafiarem o medo da morte e da prisão. As razões relacionadas a estes desvios de conduta podem também ser atribuídas à carência afetiva, sócio-econômica e cultural.

A escola é o local onde os jovens podem interagir, criar um pensamento crítico, discutir e apresentar ideias de inovações e melhoria para o futuro do país, mas algumas vezes é tratada como um local de desordem e confusão. A violência pode extinguir a credibilidade de uma instituição causando enorme prejuízo ao seguimento pedagógico.

Silva destaca que “[...] a instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência, dos conflitos que acontecem na sociedade. É importante argumentar que as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina” (SILVA, 2006, p. 34).

Nessa direção de análise, pode-se refletir que embora existam muitos fatores relacionados às causas da violência, a instituição escolar também pode ser responsável pela produção desta, quando deixa de fazer a sua parte, gerando no aluno uma concepção de isolamento e desvalorização sociocultural.

A violência escolar: o que dizem os autores

Notavelmente, é possível observar que os profissionais da educação sentem mais segurança com a presença da polícia na escola. A solicitação é unânime por parte dos gestores para que ocorram com frequência visitas policiais, pois, segundo eles, esta presença cria uma sensação de tranquilidade e segurança no local e intimida os infratores.

Diante dos acontecimentos, os professores atribuem a violência ao descumprimento das regras, à falta de condições financeiras da população, à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão. Muitas vezes esses profissionais não manifestam interesse em denunciar a violência que lidam no dia a dia, pelo fato de não quererem expor o aluno e os demais profissionais. O resultado disso, aliado a uma jornada de trabalho estressante, pode acarretar em diversos prejuízos para a carreira profissional e, no futuro, podem afetar o desempenho vindo a causar traumas irreparáveis nesses educadores.

O professor ainda sofre agressões físicas que resultam em ocorrências policiais, pois buscam apoio das autoridades, desenvolvem campanhas de combate à violência, mas, mesmo assim, sentem-se impotentes diante da situação, já que são ameaçados pelos alunos com quem precisam conviver no ambiente escolar. Tal situação pode originar uma área de risco propícia ao ato violento. Esse confronto poderia ser evitado, se houvesse uma ligação mais harmoniosa entre o professor e o aluno, melhoria na qualidade do ensino, valorização da vida afetiva, ou, quem sabe, praticando a cultura da paz.

Nesse pensamento, referindo-se às ações violentas originadas no recinto escolar, Candau afirma que “[...] só perderá força quando houver transformações profundas em toda a sociedade. Precisamos resgatar sentimentos que hoje são tidos como ultrapassados ou fora de moda. Cordialidade, solidariedade e preocupação com o próximo não podem desaparecer” (CANDAU, 2000, p. 2).

Os alunos, por sua vez, tentam justificar os atos de violência aos seus conflitos internos da rotina, suas decepções e frustrações acumuladas ao longo da vida, bem como às desgastantes atividades pedagógicas da rotina escolar. Eles também culpam as famílias pela falta de apoio, aliado à falta de oportunidades e ao baixo nível financeiro, tornando-os vilões descontroláveis, capazes de destruir seu próprio convívio com as pessoas que os cercam.

Para muitos alunos, a escola, além de ser um local de refúgio, é um espaço de oportunidades para a formação profissional. Entretanto, quando buscam se consolidar nos estudos são atormentados por pessoas que os rejeitam

pelo fato de terem orientação sexual, crença, cultura, comportamento e valores diferenciados. Esse tipo de rejeição ocorre com frequência e representam manifestações do fenômeno da violência mundial: Bullying (atos agressivos, verbais ou físicos, repetidos por um ou mais alunos contra outro colega. O termo inglês se refere ao verbo “ameaçar, intimidar”). Trata-se de uma forma de retaliação dos agressores sobre suas vítimas como uma maneira de se retratar frente aos conflitos gerados dentro da própria escola.

Segundo Guimarães,

não podemos isentar a escola como se a violência estivesse somente do lado de fora. Apontar os pais, a estrutura familiar, a estrutura econômica como responsáveis pela crueldade entre as crianças (...) à violência que é gerada dentro da própria escola, não apenas porque ela é uma instituição homogeneizadora, controladora [...] mas também porque ela é a expressão de grupos em permanente conflito (GUIMARÃES, 1996, p. 81).

A violência também pode estar associada a assuntos mais amplos que precisam de uma atenção especial, com movimentos que visam a conscientização das pessoas que estão inseridas no processo de ensino e de aprendizagem. Pode ainda estar havendo uma falta de reestruturação do processo educativo, considerando que a violência tem se tornado a inimiga do ensino no Brasil. Tem causado, como podemos observar pelos veículos de notícia, grandes danos às instituições escolares e às pessoas, tanto física como psicológica.

Atualmente, passa-se por um processo de banalização da violência, que correspondem não só a perda do monopólio do estado sobre esse assunto constitutivo da sua soberania e a ruptura dos processos de pacificação social estabelecidos segundo regras de convivência social (MADEIRA, 1999, p. 5).

Com o passar dos anos, é possível perceber que a responsabilidade está sendo empurrada pra cima de uns e de outros, quando, na verdade, precisa ser encarada com vistas a encontrar soluções que possam resolver, ou pelo menos, amenizar o problema, sendo que “[...] a família passa essa responsabilidade à escola, a escola em psicopedagogos, estes em psicólogos ou psiquiatras e, não raramente estes atribuem responsabilidade à família, fechando o círculo”

(ANTUNES, 2003, p. 45). Como reflexo desse clima, os professores ficam com medo de serem antipáticos, os pais com receio do desamor dos filhos e, assim, a violência vai ganhando novos contornos e mais agudas perversões.

Cultura escolar

A escola é uma instância social onde ocorrem várias manifestações culturais, sentimentos e comportamentos, desenvolvidos através das novas gerações e podem ser diferenciado de uma instituição para outra dependendo do modo de como os professores lidam com isso. Atualmente, a escola está na condição de encarar novos desafios, entre eles o de dar condições apropriadas para lidar com as diversidades das pessoas que participam dela. Apesar da escola expressar sua cultura, a mesma não é isolada do contexto social e, assim também tem o desafio de trabalhar o processo de ensino e de aprendizagem, ao mesmo tempo em que vivencia situações de violência em seu cotidiano.

Para Sacristán, a cultura escolar se revela pela cultura vivida nas salas de aula a “cultura escolar é uma caracterização, ou melhor, uma reconstrução da cultura, feita em razão das próprias condições nas quais a escolarização reflete suas pautas de comportamento e organização” (SACRISTÁN, 1996, p. 34). Essas diversidades podem fazer com que os professores vivam no meio da inegável crise social, econômica, política e cultural que cercam a todos.

Compartilhando dessas considerações, destacamos a análise, Damke ao ponderar que “[...] na instituição escolar, desenvolve-se uma subcultura, que é perceptível no modo como os professores conduzem as atividades, organizam o espaço pedagógico e lidam com os alunos, pois o contexto escolar demonstra estilos e crenças relativamente distintas de uma instituição para outra” (DAMKE, 2008, p. 58).

Partilhamos da noção de que cultura escolar e o

conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA. 2001, p. 10).

A escola, para muitos, é tida como uma instituição com cultura própria e para isso, possui quatro elementos participantes deste comportamento: os atores sociais, [...] gestores, professores, alunos, funcionários e pais ou responsáveis (SOUZA, 2011, p. 2); o discurso e a linguagem, [...] os discursos, as formas de comunicação e as linguagens presentes no cotidiano escolar, constituem um aspecto fundamental de sua cultura (FRAGO, 2000, p. 100).

A instituição escolar, “sendo a escola, portanto, uma instituição da sociedade, ela é base para o conceito de sociedade moderna de que a humanidade dispõe atualmente, ou mais, a escola é ‘elemento fundante’ para o espírito de modernidade das culturas sociais”. Por fim, “delineia-se prática pedagógica que evidencia ‘rotinas escolares’, mas que faz emergir as intenções e possibilidades pedagógicas. Cultura escolar: inquietações e satisfações manifestas nas falas dos professores” (SOUZA, 2005. p. 4).

Sobre a função da cultura escolar, a autora afirma, que “não seria promover uma incorporação de valores outros que não os objetivos escolares, ou mesmo de servir de ferramentas para a inculcação de valores. Pelo menos não são apenas essas as resultantes promovidas pela cultura escolar” (SILVA, 2006, p. 4). A escola deve adaptar-se em todo o contexto social no qual tanto a violência quanto a escola estão inseridas, sobretudo saber distinguir qual o seu papel na formação do cidadão.

Sempre é questionado o próprio sentido da escola como papel social e da natureza da tarefa educação, como um resultado das transformações e alterações inerentes, tanto na imagem política e econômica, como na condição de valores, ideais e costumes que compõem a cultura escolar. É necessário insistir na tese do do “compromisso dos professores, como atores sociais, em melhorar a qualidade dos processos educativos” (LORO, 2009, p.7). Se os professores estiverem comprometidos, pelo fato de participarem dos acontecimentos que têm tornado obsoleto os conteúdos e às práticas de ensino, aparecem como primordial por estar em condição de transformação da realidade.

Chervel destaca que “a escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais, que explicitam sua finalidade educativa, e os resultados efetivos da ação da escola, os quais, no entanto,

não estão inscritos nessa finalidade” (CHERVEL, 2003, p. 70). Ele considera a cultura escolar como sendo uma cultura construída na própria escola e identificada nela, não apenas pelo modo de propagação, mas, também, como identidade. A cultura escolar “recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias” (FRAGO *apud* GONÇALVES, 2005, p. 147). Nessa interpretação as práticas se referem a tudo que acontece na relação professor e aluno, dotadas de normas e regras, que engloba uma série de acontecimentos culturais que ocorrem na escola. Essa relação não esta isenta de conflito.

A concepção sobre a cultura da escola é interpretada por alguns autores de forma diferenciada, segundo Forquim (1993), “a cultura escolar refere-se aos conhecimentos, saberes, materiais e culturais que uma comunidade define como objeto de estudo, de ensino, para seus membros, num determinado momento histórico e social”. Deste ponto de vista ele afirma que a cultura escolar está ligada aos conhecimentos que os professores transmitem em sala de aula.

Silva afirma que os confrontos decorrentes da cultura da escola, acontecem em razão do encontro entre definições exteriores e as tradições escolares:

Seja cultura escolar ou cultura da escola, esses conceitos acabam evidenciando praticamente a mesma coisa, isto é, a escola é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre as determinações externas a ela e as suas tradições, as quais se refletem na sua organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmentado, fracionado ou não (SILVA, 2006, p. 206).

Não é difícil perceber que há uma atual crise na cultura escolar e está influenciando substancialmente os professores. Denzin (1989) enfatiza que uma descrição rica e substancial deve conter as seguintes características: fornecer o contexto da ação; estabelecer as intenções e significados que orientam a ação e apresentar a ação como um texto que pode ser, portanto, sujeitas a múlti-

plas interpretações.

Para poder alcançar uma educação de qualidade, objetivo da escola, há a necessidade de melhorar toda a estrutura da educação moderna, deixando para trás o ensino tradicional. Para que isso aconteça é necessário dar autonomia ao aluno para poder elaborar e realizar seus projetos e valorizar sua participação nas decisões da escola, dessa forma estará contribuindo para o processo de aprendizagem e ao mesmo tempo para uma convivência pacífica.

A escola que, por muitos anos, contribuiu para divulgar ação de culturas do conhecimento, qualificação de valores individuais, preparação dos cidadãos e a redução da desigualdade, hoje sofre com os reflexos da cultura moderna e busca saída para lidar com os conflitos resultantes desta prática.

Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa, com a utilização de questionários com questões de respostas abertas, com professores que foram vítimas ou presenciaram atos de violência na escola, no sentido de buscar a compreensão do que se desejou investigar. Sobre essa pesquisa, Minayo sustenta que “[...] é aquela que não se preocupa em quantificar, mas sim em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos, que possibilita ao pesquisador desvelamento e interpretação das diferentes maneiras dos seus vivenciarem e experimentarem o mundo” (MINAYO, 2007, p. 15).

No primeiro momento, foi feito um levantamento de dados através de ocorrências policiais registradas em relatórios fornecidos pela seção de estatísticas da polícia militar, para selecionar os professores que foram vítimas ou presenciaram algum tipo de violência. Após, os dados foram analisados e passou-se então a identificar as pessoas a serem inseridas como sujeitos da pesquisa. Em seguida, foi feita uma comparação dos dados obtidos através de levantamentos estatísticos de ocorrências policiais, com os que foram publicados em livros e artigos, para possibilitar a acareação e assim estabelecer um paralelo do conhecimento daquilo que é divulgado com o que foi pesquisado.

O propósito foi aproximar ao máximo de uma descrição

exata dos fatos obtidos, sabendo-se que estes não ocorrem por acaso, havendo sempre um motivo para sua ocorrência. A pesquisa objetivou, ainda, esclarecer as causas que contribuem para que ocorra a violência escolar, investigando o envolvimento das pessoas que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa foi realizada com 10 professores de 5º ao 9º anos do ensino fundamental das escolas, em diferentes regiões da rede pública do município de Naviraí-MS. Para isso, foi feita uma busca minuciosa com informações sobre os professores selecionados.

As vozes dos professores: conhecendo a realidade

Nessa seção, o primeiro objetivo é identificar o perfil dos professores entrevistados. Para essa finalidade, os dados foram estruturados através de abordagens de questões de cunho individual, social e profissional, tais como sexo, nível de escolaridade e tempo de serviço.

Ao analisar as respostas dos professores, foi observado que apesar de ocorrerem algumas mudanças, uma característica permanece no meio docente: a predominância do sexo feminino, que é uma característica peculiar da profissão. Mesmo com as transformações pedagógicas que ocorreram nas últimas décadas, essa característica ainda foi pouco alterada, ou seja, a presença de professores homens continua praticamente inexistente. Isso faz pensar que, grosso modo, o docente do sexo feminino pode ser menos respeitado na sala de aula do que o sexo apostro.

Sabe-se que questões que envolvem o ensino e a aprendizagem têm a ver com a formação individual de cada professor, os quais lecionam de acordo com a formação pedagógica. Foi constatado que, dos participantes da pesquisa, 70% são graduados na área educação e 30% são pós-graduados e mestres.

Em se tratando do tempo de serviço dos professores, procurou-se classificar em 30% os que estão em fase inicial da docência (0 a 10 anos), outros 30%, em fase de fase de consolidação da vida profissional (11 a 20 anos) e, 40%, os que estão em fase de afirmação no trabalho docente, ou seja, acima de 30 anos de profissão.

Outro objetivo foi buscar explicitar as vozes desses professores. Para tanto, ao citar suas falas e ideias, seus nomes foram substituídos pela letra “P” de professor, seguida do número de ordem em uma escala de 1 a 10.

Entende-se que a carreira desses profissionais vem carregada de experiências ao longo de sua profissão. Nesse sentido, vale citar uma das ideias do pesquisador Hurberman, que conceitua várias questões que remetem à percepção dos docentes sobre sua inserção no ofício de educar:

O que é que distingue, ao longo das carreiras, os professores que chegam ao fim carregados de sofrimentos daqueles que o fazem com serenidade. A partir de que momentos será possível as pessoas aperceberem-se, digamos mesmo ‘predizer’, do fim da carreira (HUBERMAN, 1992, p. 35).

Com base no trecho do texto do autor acima, é possível refletir o que os professores relataram a respeito de suas situações vividas no cotidiano e no trabalho escolar.

Inicialmente, cada um dos entrevistados recebeu os questionários sobre a violência escolar e de posse desse material, tiveram um período suficiente para responder com clareza as questões propostas.

Primeiramente, solicitou-se que descrevessem segundo suas opiniões o que significa violência escolar. Dentre as respostas, destacamos a do professor “P2” que leciona no ensino fundamental e médio, descrevendo da seguinte maneira:

A violência escolar é algo abrangente que vai desde a agressão verbal até a física; a escola não é uma bolha dentro da sociedade, portanto se temos violência na escola é pelo fato de nossa sociedade ser violenta. Penso que, hoje e como no passado os vários tipos de “bullying” que estão presentes na escola, demonstrando como o ser humano deseja ser “superior” e quer intimidar os seus colegas. Não afirmar que nas escolas não há violência, seria o mesmo que afirmar que a sociedade não é violenta.

A resposta dessa pergunta partiu do ponto de vista docente, em discordância com a que afirma Abramovay “[...] violência é todo ato que

implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social entre professor e aluno, que se instala pela falta de comunicação, uso da palavra, diálogo e conflito” (ABRAMOVAY, 2003, p. 22).

Ao referir-se sobre o ambiente escolar, foi perguntado aos professores se consideram a escola um lugar seguro para eles e para os alunos. As respostas foram quase que unânimes. Dentre as quais, pode-se destacar a do professor “P1” da disciplina de geografia do ensino fundamental, que afirma: “Não. Porque a escola é uma instituição pública frequentada pelas mais diversas classes sociais e também por crianças, adolescentes e jovens com diversificação na educação familiar, portanto, estamos sujeitos a violência urbana, tanto podemos cometer como sofrer um determinado tipo de violência.”

Ainda cabe ressaltar a resposta da professora “P5” que relaciona as causas da violência com a sociedade moderna. Ela nos conduz a uma reflexão quando alerta que, a qualquer momento, essa violência pode encaminhar para um total descontrole e finaliza fazendo uma pergunta que cabe a cada um responder por si só.

Vivemos em uma sociedade que não permite a ninguém estar seguro. A escola já não oferece a segurança antes vivenciada, pois todos os problemas sociais transformam a escola em um vulcão prestes a entrar em erupção. Comumente vemos professores sendo agredidos verbalmente e até fisicamente. Assim como vemos alunos relacionando-se como animais, com agressividade, sem considerar o outro como ser humano. Como então considerar a escola um lugar seguro?

Ambas as respostas dos professores, quando atribuem a insegurança que sentem à frequente presença de diversas classes sociais no ambiente escolar, nos remetem à noção de que, “finalmente, a escola deixou de ser um lugar seguro de integração social, de socialização, um espaço de resguardo; ao contrário, tornou-se cenário de ocorrência violentas” (ABRAMOVAY, 2003, p. 45).

Indagados se presenciaram ou sofreram algum tipo de violência dentro do ambiente escolar, as respostas foram afirmativas, apontando para as experiências vividas na docência. O professor “P1” relata ter presenciado

e sofrido vários tipos de violência tanto na parte física como psicológica que, por muitas vezes, foi obrigado a interferir, chegando até a acionar a polícia e o conselho tutelar.

A professora “P4” é formada em Pedagogia e leciona no ensino fundamental, quando respondeu a pergunta sobre se tem presenciado ou sofrido algum tipo de violência no ambiente escolar, apresentou sua opinião atentando para um fato importante: “no decorrer de longos anos de trabalho docente, seria impossível o professor não ter vivido ou presenciado nenhum tipo de violência escolar”.

Observa-se que, embora alguns dos professores pesquisados consideram a ação da polícia na escola como uma saída para resolver os conflitos internos, essa prática está “marcada por ambiguidades e tensões”, pois, esse tipo de intervenção “se define por uma especificidade que a polícia desconhece” (ABRAMOVAY, 2003, p. 53).

É interessante salientar a opinião dos professores em uma das questões, que interroga sobre as práticas adotadas por eles para administrar a violência, os quais apontam para diferentes rumos. Alguns acreditam na prevenção através de projetos; outros falam da importância de conscientizar o aluno a praticar o respeito mútuo e a liberdade; outros acreditam que estas questões podem ser resolvidas apenas com o diálogo.

É interessante atentarmos para as falas dos professores, especialmente porque algumas convergem com o pensamento de Aquino (1999):

É necessário que algumas questões de prevenção da violência sejam consideradas no ambiente escolar, por alunos, por funcionários, pais e principalmente professores: o respeito mútuo, escuta alheia, solidariedade e responsabilidade no trato com o outro, liberdade de pensamento e de expressão, decisões justas, etc. (AQUINO, 1999, p. 149).

Ao analisar as opiniões dos professores, percebe-se que as práticas adotadas por alguns, estão na mesma direção das recomendadas pelo autor ora mencionado. Porém, nas respostas apresentadas pelos mesmos, constata-se que há necessidade de buscar outras ações que possam ser adotadas no

controle da contenção da violência, isso pode ser possível através da formação continuada que pode possibilitar aos professores uma melhor compreensão acerca dos comportamentos dos alunos, bem como através da realização de palestras e projetos, como recomenda a professora “P4”.

No tocante à questão que os interroga sobre as dificuldades causadas pela violência no processo de ensino e de aprendizagem, quase todos apontaram para o índice de repetência, que, segundo eles, os alunos são os principais responsáveis por ficarem retidos vários anos na mesma série.

A professora “P4” nos enriquece com sua importante concepção quando relata que, “[...] o agravamento da violência é um fenômeno que interfere nas relações e causa impacto na formação educacional dos alunos, porque a aprendizagem só acontece quando há interação entre professor e aluno e nos momentos em que ocorre a violência, é impossível ocorrer a aprendizagem”. Para concluir seu pensamento, ela cita Paulo Freire: “a aprendizagem é um ato de amor”.

A professora “P3” chama a atenção para outros prejuízos causados no processo de ensino e de aprendizagem: “[...] resistência ao aprendizado, perda da auto estima, fracasso, trauma e exclusão social.”

A observação dessa professora conduz à reflexão de que, além de prejudicar a integridade física da pessoa, a violência contribui para a perda de identidade do indivíduo e seus valores, por meio dela uma parte dos jovens, aqueles que são vítimas, estão sendo excluídos do processo de ensino, contudo o respeito e a visibilidade que a sociedade lhes nega também são produzidos dentro da escola. Essa não é a finalidade da escola, pelo contrário, está transmitindo e ensinando a violência por parte daqueles que não se comprometem com o ensino. Por isso, deve-se atentar para esses acontecimentos para que não ocorrer uma falta de socialização dos indivíduos.

Já, o professor “P7”, por sua vez, classifica como principal prejuízo nesse processo, o fato do educador ter que interromper a aula diversas vezes para chamar a atenção do aluno indisciplinado. Trazendo o assunto para uma perspectiva externa, as concepções dadas pelos professores assemelham-se ao apontamento feito por Lobato:

a violência atrapalha, porque, por mais que o professor aproveite a oportunidade para relacioná-la com outros assuntos, no momento em que ela acontece o professor tem que parar aquilo que está explicando, o que acaba atrapalhando o andamento da aula, podendo até prejudicar a atividade programada para aquele dia (LOBATO, 2005, p. 12).

A pergunta que finaliza o questionário levou os entrevistados a uma reflexão sobre os cursos de formação a que são submetidos os professores. Foi perguntado se esses cursos oferecem preparação para que eles possam lidar com a violência vivida no ambiente escolar.

Para essa pergunta, as respostas apresentadas causaram enorme divergência conceitual, pois uns responderam que não e outros que sim. Na verdade, diante das justificativas, pode-se afirmar que elas revelaram um fato rotineiro na aplicação dos cursos de formação inicial e continuada: como os conteúdos são didáticos, não ocorre treinamento específico para os professores lidarem com a realidade. Mesmo não havendo uma preparação adequada, alguns professores acrescentaram que cada um deve buscar resolver os casos de violência à sua maneira.

Diante das concepções apresentadas, a que mais se aproxima do que desejávamos pesquisar, é a do professor “P1” quando afirma que:

Todo e qualquer encontro que tenha como meta a formação é algo positivo, pois quando nos colocamos numa situação de busca de reflexão e que algo precisa ser feito, e que “eu” sou peça importante dentro desse processo, posso dizer que avançamos. Basta de buscar culpados, a escola precisa estar aberta e no coletivo enfrentar seus problemas, dentre eles a violência escolar.

Esse relato pode ser sustentado na pesquisa de Lobato, quando afirma que “[...] é necessário pensar também na própria maneira de atuar do professor, nas suas dificuldades de trabalhar com a problemática da violência e na falta de adequada formação inicial e continuada” (LOBATO, 2005, p. 17). Percebe-se, pelo posicionamento dos professores entrevistados, que há uma insatisfação com a realidade educacional. Eles manifestam também preocupação quanto aos prejuízos causados no processo de ensino e de aprendizagem.

As respostas dos docentes pesquisados indicam que as causas da violência escolar são relacionadas aos fatores social, cultural e familiar. Isso quer dizer que, se há violência nas famílias, então haverá também nas escolas, ou seja, ao abrirem as portas entrarão não só alunos e professores, mas também a violência que vem da sociedade ou até mesmo da família.

Discussão dos dados coletados

Os resultados apontam para algo em comum, considerando que os respondentes levaram em conta seus anos de experiência no trabalho docente, o que influenciou na concepção sobre a violência escolar. Suas respostas indicam que as causas da violência escolar estão diretamente relacionadas com os fatores social, familiar e econômico.

No contexto da pesquisa, foi sinalizado que se a sociedade é violenta, as famílias também estão contribuindo com essa situação ao delegar parte de suas responsabilidades para a escola. A escola, por sua vez, também produz a violência quando não consegue administrar seus conflitos internos e pelo fato de ter que se relacionar com pessoas de diferentes classes sociais. Como a educação deve ser para todos, isto significa que ao abrirem as portas entrarão não só alunos e professores, mas também a violência que vem da sociedade e até mesmo da família, como afirmaram a maioria dos pesquisados, destacando o fator sociedade como o principal causador.

No que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, os professores se mostram preocupados com os efeitos da violência, principalmente em se tratando do rendimento na aprendizagem. Nota-se ainda que alguns desses professores trazem consigo problemas de origem pessoal e psicológica.

Ao analisar as respostas dos pesquisados, percebe-se que o medo da violência a que eles estão submetidos, levam-nos a uma indolência diante das conseqüências, isso faz originar um enorme descontentamento que acaba refletindo no espaço escolar, contribuindo assim para a queda no rendimento escolar.

Constatou-se também que, pelo fato de saber que os alunos agressores ficam na maioria das vezes impunes, não havendo instrumentos su-

ficientes para puni-los e mantê-los disciplinados na sala de aula, muitas vezes, o professor se sente desvalorizado, não se sente seguro para exercer seu papel e assimila isso como falta de incentivo para o bom desenvolvimento do trabalho educacional, assim em sua relação com o aluno, pode transferir essa insatisfação, dando sinais de que não consegue lidar com a violência ao seu redor. Logo, quando estão envolvidos com situações dessa natureza, tendem a se distanciar de seus agressores, resultando em prejuízos na aprendizagem.

Sobre as práticas adotadas nos cursos de formação de professores para lidar com a violência vivenciada na escola, é possível dizer que, analisando as respostas, em sua maioria, os professores não apresentaram métodos específicos herdados dos cursos de formação inicial e continuada, e o que parece ser mais provável, é que cada um tenta resolver a seu modo com práticas individualizadas.

O que se pode notar nesses profissionais é que estão despreparados para lidar com os conflitos vividos em sala de aula. Alguns não se sentem suficientemente instruídos para encarar os novos desafios. Dentre eles, o domínio de turma, a dinâmica de ensino e a boa convivência com os alunos. Alguns atribuem às metodologias abordadas nos cursos de formação e, outros, ao fato de não ter segurança para exercer seu trabalho, já que constantemente se sente ameaçados pelos próprios alunos.

Por outro lado, há concepção de professores que divergem dos argumentos apresentados pelos colegas respondentes, afirmando que algumas causas que fazem acarretar a violência escolar, é a falta de amor em ensinar e, especialmente, a falta de vontade em transformar os alunos em pessoas de conhecimento e caráter. Dessa forma, pelo medo que guardam em si, absorvidos pelos depoimentos de colegas que sofreram violência, alguns se sentem inibidos e temerosos para por em prática sua técnica de ensino.

Em alguns dos pesquisados nota-se que não conseguem interagir com os alunos, falta o diálogo para que a aprendizagem seja envolvente e interessante. O professor precisa atrair o aluno para participar do processo de ensino e aprendizagem, para que ele se sinta importante no contexto escolar.

Segundo Gadotti:

Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber. (GADOTTI, 1999, p.2)

A falta de interação do professor para com o ensino e conseqüentemente para com o aluno, bem como seu despreparo para lidar com as situações de violência, deixa apagada a imagem do professor. Nem tampouco ele deve se sentir o detentor do saber, como afirma o autor acima, é preciso estimular o aluno a participar, para que possa ser resgatado o respeito que se perdeu com o tempo, quando o aluno sentia grande admiração por seu mestre e procurava ser como ele.

Considerações finais

Diante dos estudos realizados nesta pesquisa, é possível dizer que a violência é um fenômeno que aparece em proporções não só estrutural como também cultural, as quais estão profundamente ligadas. Pode-se dizer também que a violência e a escola possuem relações que podem ser originadas de influência externa, pois a violência presente na sociedade entra no espaço escolar prejudicando-o, e também se manifesta como um manipulador que se concebe internamente no processo educativo, ou seja, a escola também produz violência.

Observa-se através dos estudos que, na análise de vários autores, a problemática da violência no cotidiano escolar é extremamente complexa e contém várias dimensões. Nota-se através destes, que a violência tem aumentado nas escolas não somente do ponto de vista docente como também social. A cultura escolar corrobora em sua diversificação e, em muitos casos, cresce em intensidade, manifestações estas que se apresenta como reflexo da violência social.

As vozes dos professores pesquisados sinalizam que eles estão insatisfeitos com os constantes casos de violência em seu ambiente de trabalho. Ao ser traçado um perfil quanto à experiência docente, percebe-se que em sua vivência, tanto os iniciantes quanto os que estão há mais tempo na profissão, têm presenciado ou sofrido algum tipo de violência. Desta maneira, procurou-se

perceber até que ponto isso tem prejudicado no processo de ensino e aprendizagem, e a compreensão que se tem é que todos concordam que a violência tornou-se um temeroso desafio na rotina da escola e tem causado sérios prejuízos nas relações de convivência e, por conseguinte, no processo de ensino e de aprendizagem.

Diante disso, é possível dizer que as dimensões pessoais e profissionais influenciam na percepção sobre a violência escolar. Embora as concepções, de certo modo, divergem, observa-se que o professor não dispõe de práticas adequadas para enfrentar a violência. Não obstante, o empenho dos docentes para solucionar o problema, visto que está além da sala de aula, depende também da intervenção de órgãos de segurança e da sociedade como um todo.

Percebe-se ainda que alguns docentes não sabem como reagir diante da violência. Por ter que conviver com seus agressores, sofrem psicologicamente e algumas vezes ainda são apontados como culpados, quando, na verdade, não tiveram formação para enfrentar os problemas de violência dentro da sala de aula.

Contudo, nota-se que esses professores seguem à procura de caminhos que conduzam a uma convivência pacífica, considerando que toda violência fere o ideal de justiça e se constitui em negação dos direitos fundamentais. Sendo claro que a violência trata-se de um problema que aflige quase a totalidade das escolas brasileiras, por isso, as iniciativas para controlar os conflitos dentro da escola, devem buscar equilíbrio a partir das características individuais dos alunos e da realidade na qual a instituição está inserida, evitando a generalização e as soluções prontas, considerando como questão determinante à cooperação de toda comunidade educativa e social.

Dessa forma, fica evidente que a violência na escola, além de causar sérios prejuízos, não está contida somente no âmbito escolar, mas também no meio social. Defende-se, portanto, a necessidade de pensar a discussão de práticas de ensino nos cursos de formação de professores, a fim de preparar esses profissionais para que possam enfrentar os desafios da atualidade e criar possibilidades de atuação com vistas à transformação da situação atual vivida. Nesse contexto é fundamental a promoção de políticas com investimentos na renovação da educação, como forma de socorrer professores, alunos e toda a sociedade.

VIOLENCE (S) IN THE SCHOOL CONTEXT: THE VOICES OF TEACHERS

ABSTRACT: This article aims to reflect on school violence, based on the speeches of teachers, their views on the subject and the way they have been facing this problem in the cultural and educational daily procedures of teaching and learning process. Thus, from a qualitative research, it was sought to identify the causes of violence as well as the practices adopted by teachers in order to deal with it in the school environment. In the survey, it was used questionnaires with open questions applied to a universe of ten school teachers from Elementary public schools from the city of Naviraí/MS. The result points to a dissatisfaction of teachers at the lack of public policies for that matter. That is more evident when one considers that, generally, graduation courses do not adopt measures which could provide practices to deal with this problem for those teachers to be.

KEYWORDS: Violence. School. Teachers.

Referências

- ABRAMOVAY, M. *Escola e Violência*. Brasília: Unesco Brasil, Rede Pitágoras, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDI-ME, 2002, p. 77.
- ABRAMOVAY, M. *Violência nas Escolas: versão resumida*. Brasília: Unesco Brasil, Rede Pitágoras, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003, 88p.
- ANTUNES, C. *O que mais perguntam... indisciplina e violência*. Florianópolis, CEITEC, 2003.
- AQUINO, J. G. *Indisciplina na Escola. Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo, Summus, 1996.
- AQUINO, J. G. *Autoridade e Autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo, Summus, 1999.
- CANDAU, V. M. *Escola e violência*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.
- CANDAU, V. M. *Direitos Humanos, Violência e Cotidiano Escolar*. VI Seminário Internacional de Restruturação Curricular Século XXI. Porto Alegre. 8ª ed. Julho. 1999.
- CANDAU, V. M. *Cotidiano Escolar e Cultura(s): encontro e desencontros*. In: CANDAU, V. M.(org) *Reinventar a Escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- CHAUÍ, M. Convite à filosofia. São Paulo, Ática, 1996.
- DAMKE, A. S. A percepção social da indisciplina escolar. Curitiba: UTP, 2008. 162 p. Série Dissertações; 9.
- FERREIRA, A.B.H. Minidicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FORQUIN, J. C. Escola e Cultura. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre, ARTMED, 1993.
- FRAGO, A. V. Inovação pedagógica e racionalidade científica. Faculdade pública em Espanha. Madrid: Akal, 2000, p. 100.
- GADOTTI, M. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1999.
- GUIMARÃES, Áurea M. A dinâmica da Violência escolar: conflito e ambiguidade. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- HUBERMAN, M. O Ciclo de vida profissional dos professores. Portugal: Porto Editora, 1992.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de história da Educação. Campinas, SP: Sociedade Brasileira de História da Educação: Autores Associados, n. 1, jan/jun. 2001 p. 9-43.
- LOBATO, V. S. Concepções de Professores sobre questões relacionadas à violência na Escola. PUC/SP. 2005, n. 20.
- LORO, A. P. A Cultura Escolar: desafios docentes. Agora Revista Eletrônica. Rio grande do Sul. 2009. Disponível em: <http://goo.gl/Y58fy9>.
- LUCINDA, M. C. Escola e violência. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MADEIRA, F. R. Violência nas Escolas: quando a vítima é o processo pedagógico. São Paulo em perspectiva, São Paulo, Fundação Sead. 1999, out/dez, p. 29-41. Disponível em: <http://goo.gl/CN5qec>. Acesso em 25 de outubro de 2011.
- MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa. São Paulo: Hucitec, 2007. 10ª ed.
- NUNES, S. Violências & Cultura de Paz nas Escolas. Toledo: Fasul, 2007. 111 p.
- PORTAL BRASIL. A polícia e a violência nas escolas. (Miriam Abramovay e Pablo Gentili). Secretaria Nacional de Juventude. Brasília: 4 de Julho de 2012. Disponível em: <http://goo.gl/aEVZuv>. Acesso em 24 de julho de 2012.
- SACRISTÁN, J. G. Escolarização e cultura: a dupla determinação. In: SILVA, L. et al. (Org.). Novos mapas culturais/novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996. p.34-57.

SILVA, F.C.T. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. *Educar em Revista*, vol. 28, p. 201-216, 2006

SOUZA, M. A. Prática Pedagógica: conceito, características e inquietações. IV Encontro Ibero-Americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que fazem investigação na sua escola. 2005, p. 24-29.

SOUZA, E. C. S. Violência Urbana e Cultura Escolar: estudo das percepções dos atores sociais em uma escola pública (Ananindeua/Pará). *Revista Artíficos*. Pará, v. 1, n. 2. Dez/2011.

SOUZA, M. C. Prática Pedagógica: conceito, características e inquietações. Curitiba: Projeto CNPq. 2004.

SPÓSITO, M. P. Iniciativas Públicas de redução da Violência Escolar no Brasil. Rio de Janeiro. *Caderno de Pesquisa*, n. 115, p. 101-138, março/2002.

Data de recebimento: 20/10/2014

Data de aceite: 22/11/2014